



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no World Economic Forum on Latin América

São Paulo-SP, 06 de abril de 2006

Eu quero, primeiro, cumprimentar os nossos convidados, os convidados do Fórum, que estão aqui no estado de São Paulo, discutindo o que discutimos todo dia – desenvolvimento, investimentos e melhoria do nosso planeta.

Eu quero cumprimentar o Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, que acaba de fazer uma grande reunião na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais.

Quero cumprimentar o ministro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Quero cumprimentar o Henrique Meirelles, presidente do Banco Central do Brasil,

Quero cumprimentar o nosso ministro da Cultura, Gilberto Gil,

O nosso ministro das Cidades, Márcio Fortes,

Quero cumprimentar os diretores-executivos do Economic Forum,

Quero cumprimentar o Luiz Augusto Moreno – já cumprimentei,

Quero cumprimentar Sylvie Naville, diretora para a América Latina do Fórum Econômico,

O nosso senador Aloísio Mercadante,

O nosso Jorge Gerdau, presidente da Gerdau,

Quero cumprimentar os jornalistas,

E quero dizer a vocês da importância deste Fórum, já que eu não tive a oportunidade de ir a Davos em 2006. Não que eu não quisesse ir, é que a programação era mais intensa no Brasil. Mas eu espero que em janeiro de 2007 o mesmo espaço em que eu fiz o primeiro discurso como presidente da



República, em 2003, que eu possa voltar em 2007 para mostrar o que aconteceu no Brasil nesses quatro anos. Isso, como presidente ou sem ser presidente. Eu espero que o Fórum não tenha preconceito de convidar quem não é presidente.

Bem, meus amigos, pela primeira vez, em muitos anos, a América do Sul vive não apenas uma convergência inédita de governos que compartilham valores e agendas democráticas mas, sobretudo, desfruta condições excepcionalmente favoráveis no plano econômico, regional e mundial.

Voltamos a crescer com inflação baixa e níveis declinantes de endividamento externo. O investimento se recupera e a taxa média do PIB está próxima de 20%. O comércio entre os países sul-americanos prospera celeremente. No caso do Brasil, ele já representa a fatia mais dinâmica das nossas exportações. É importante lembrar que é a primeira vez que nós exportamos mais para a América Latina do que para os Estados Unidos, individualmente, e para a Europa. Temos auto-suficiência energética, com oferta abundante de gás, petróleo e fontes alternativas de combustíveis renováveis. Nosso vasto repertório mineral inclui cobre, ferro, bauxita entre outras *commodities* que desfrutam de um largo horizonte de demanda externa. Há espaço para uma política estratégica de agregação de valor que supere a lógica de fornecedor primário vigente em nossa região durante séculos.

Aqui, é importante fazer um parêntese para dizer para vocês que, no Brasil, nós nos convencemos, depois de tomar posse, que o Brasil só chegará a ser considerado um país de primeiro mundo se nós definirmos duas coisas: uma forte política industrial e uma forte política de inovação tecnológica. E, para isso, nós investimos – e os brasileiros que estão aqui não sabem, e é importante saber – que poucas vezes nós conseguimos formar o montante de doutores que formamos nesse período. Poucas vezes se publicou tantos artigos em revistas especializadas como os nossos pesquisadores têm



publicado nos últimos tempos e poucas vezes se investiu na formação profissional como nós temos investido.

É importante lembrar que nós estamos construindo quatro universidades federais novas, nós estamos transformando seis faculdades em universidades e estamos fazendo 43 extensões universitárias, levando braços das universidades federais nas capitais para o interior do país e estamos recuperando a capacidade do Brasil de investir em escolas técnicas que estavam praticamente proibidas por lei desde 1998. E nós nos convencemos de que o Brasil não será o país competitivo que nós queremos que seja, e o Brasil não será o exportador de valor agregado se nós não qualificarmos melhor a nossa mão-de-obra e, sobretudo, a nossa juventude. Até junho estarei inaugurando 25 escolas técnicas de 32 que estamos construindo e, ao mesmo tempo, nós criamos um programa, que pode até orientar outros países a fazer o mesmo que nós fizemos. Criamos um convênio com as universidades federais, com as universidades particulares, e em apenas 12 meses nós colocamos na universidade 203 mil novos jovens da periferia, todos oriundos de escolas públicas, que jamais teriam possibilidade de chegar à universidade, porque não passavam no vestibular nas escolas públicas e não tinham dinheiro para as escolas privadas. Com o ProUni, nós incluímos 203 mil jovens na universidade brasileira, teremos mais 46 mil jovens agora, no mês de junho e, se Deus quiser, nos próximos três anos, nós teremos um saldo positivo de 760 mil novos jovens cursando as universidades brasileiras, sejam as privadas que estamos fazendo, sejam as públicas. E aí, sim, o Brasil irá colocar valor agregado nas coisas que exporta, porque queremos exportar junto com as nossas matérias-primas, junto com os produtos manufaturados, exportar um pouco mais da inteligência do Brasil e da América do Sul.

Para que esse potencial se concretize, porém, existe um pressuposto que pode ser resumido numa palavra, mais do que em qualquer outra: infraestrutura. Os senhores sabem que, quando tomamos posse, nós resolvemos



olhar um pouco para a América do Sul – e eu quero que nosso presidente Moreno preste bem atenção. O problema da América do Sul, além dos problemas políticos, de instabilidade que vivemos durante muito tempo, além do populismo histórico em muitos países, o problema na América do Sul é que muitas vezes nós ficamos olhando ora para a Europa, admirando a riqueza da Europa, ora para os Estados Unidos, admirando a riqueza dos Estados Unidos, ora para a China, admirando o crescimento vertiginoso da China nos últimos dez anos, e não parávamos para pensar por que nós não tínhamos a mesma possibilidade e por que nós não crescíamos. Ou seja, ficávamos como aquele morador de uma casa que fica olhando por que a vizinha conseguiu comprar uma televisão nova, sabe, e um pouco de ciúmes da vizinha, com um pouco de inveja, ao invés de dizermos: o que nós temos que fazer para poder chegar lá e comprar a televisão nova.

E nós resolvemos, depois de visitar a América do Sul como jamais alguém visitou, todos os países – alguns mais de uma vez – e receber aqui, no Brasil, todos os presidentes mais de uma vez, nós chegamos à conclusão de que era preciso definir projetos estratégicos de infra-estrutura nos países da América do Sul. Sem esses investimentos em infra-estrutura, nós iríamos passar mais um século olhando a Europa, olhando os Estados Unidos e a China e não iríamos nos desenvolver.

Por isso, o Brasil tomou a decisão e hoje nós temos pelo menos um investimento em cada país da América do Sul, investimentos em estradas, em pontes, em hidrelétricas, em saneamento básico, em metrô, porque nós achamos que o Brasil, como a maior economia do nosso Continente, tem que ter a responsabilidade de fazer gestos e financiamentos para que a gente possa dar um salto de qualidade no desenvolvimento da América do Sul.

Temos a oferecer ao capital privado um novo pólo mundial de investimentos. Um gigantesco canteiro de obras para parcerias estratégicas que vão acelerar a integração física num mercado de mais de 300 milhões de



consumidores. E, aí, volta a questão da infra-estrutura. Se nós não tivermos pontes, se não tivermos estradas, se não tivermos ferrovias, se não tivermos a energia e se não cuidarmos da telecomunicação, nós iremos passar mais um século falando da necessidade da integração latino-americana e sul-americana e não irá acontecer essa integração.

Da mesma forma que a infra-estrutura e o investimento em educação é a base para o desenvolvimento que precisa o Brasil, que precisa a Argentina, que precisa a Colômbia, que precisa o México, que precisa a Guatemala. Ou seja, se nós não cuidarmos de definir o que que queremos ser daqui a 20 ou 30 anos, daqui a 20 ou 30 anos nós seremos tão pequenos e tão pobres como somos hoje.

Portanto, não depende de outros países apenas, depende de nós definirmos o projeto que nós queremos, começarmos a construir, porque quando as pessoas, sejam governantes ou investidores, perceberem que estamos agindo com seriedade, obviamente que vai ficar muito mais fácil as pessoas fazerem investimentos no Brasil.

Durante séculos essa riqueza viveu desconhecida de si mesma. Agora nossas economias redescobrem sua vocação para crescer de forma cooperada e solidária numa comunidade de nações. Pela primeira vez, nas últimas décadas, há liquidez e lastro de reservas na América do Sul para o manejo de fundos e políticas comuns que impulsionem os investimentos requeridos pela nossa história. Há convergência de propósitos políticos para combater a pobreza e a fome, sem abdicar da estabilidade. Há, especialmente, maturidade democrática para corrigir equívocos de um passado recente que concedeu ao mercado mais do que ele pode arcar – ao mesmo tempo em que dispensou o Estado de obrigações intransferíveis na coordenação do crescimento com a distribuição de oportunidades sociais.

São essas balizas inéditas de clareza histórica, sedimentação econômica e equilíbrio institucional que orientam o atual ciclo de integração de



mercados em nossa região. Cumprimos um duro aprendizado. É preciso que os organismos internacionais e os países mais ricos façam a sua parte. Trata-se de ajustar suas agendas, corrigir preconceitos e renovar sua visão histórica em relação à América Latina. Sobretudo, é necessário evitar que a atual recuperação se perca no sorvedouro de um protecionismo internacional tão perverso quanto os desequilíbrios comerciais vigentes na ordem colonial.

O desenvolvimento – como todos nós sabemos – não é uma fatalidade na vida dos povos. Ao contrário: trata-se da grande obra da maturidade democrática de uma Nação, que exige fina sintonia entre instituições políticas e forças sociais, entre os impulsos do mercado e as demandas acumuladas pela sociedade. Esse equilíbrio não se produz em laboratório, nem decorre de lógicas autárquicas de gestão ou choques administrativos, tão artificiais e autoritários quanto o fetichismo estatizante do passado. Hoje, creio, essa consciência histórica está disseminada por toda a América Latina.

O Brasil orgulha-se de integrar um Continente que resgatou sua autoconfiança política e recuperou a esperança num novo ciclo de desenvolvimento sustentável.

Minhas amigas e meus amigos,

O Brasil tem participado dessa empreitada coletiva com absoluto desprendimento político, baseado numa visão não hegemônica, mas cooperativa e solidária da integração regional. Com esse propósito fizemos 32 visitas a países sul-americanos em nosso mandato. E tivemos a honra de receber presidentes de países-irmãos 28 vezes em nossa terra.

Esse desassombro histórico uniu as forças do Mercosul e da Comunidade Andina com a criação da Comunidade Sul-Americana de Nações. O Brasil tem uma robusta agenda de parcerias em uma dezena de projetos com países-irmãos, inclusive a ligação transoceânica entre o Atlântico e o Pacífico, em conjunto com o Peru.

Em dezembro último, demos mais um passo corajoso nessa caminhada.



Trata-se de um acordo entre Brasil, Argentina e Venezuela para construção de um gasoduto de 8 mil quilômetros que consolide definitivamente a integração sul-americana pelo laço poderoso da auto-suficiência energética. Essa obra – superados os desafios de sua viabilidade técnica – será um dos empreendimentos do século, capaz de reforçar as vantagens comparativas da economia regional e ampliar ainda mais as oportunidades para novos investimentos.

A exemplo do que ocorre em toda a América do Sul, a economia brasileira nunca esteve tão solidamente pavimentada para esse novo ciclo de expansão. Vivemos o melhor ambiente macroeconômico dos últimos 30 anos. Sem abdicar da estabilidade, reintegramos o crescimento com a justiça social.

Em fevereiro deste ano, a indústria brasileira produziu 5,4% a mais do que em fevereiro do ano passado. Trata-se da maior taxa de crescimento desde julho de 2005 e o que é mais importante: o setor de bens de capital foi uma das locomotivas dessa expansão com um avanço de 10,6% no período.

Na área de duráveis, o salto foi de quase 15%, refletindo a pujança de um mercado de massas lastreado em aumento do emprego, maior poder aquisitivo e crédito farto.

Não há dúvida de que o Brasil acumulou lastro e consistência para crescer a uma taxa superior a 4% nos próximos anos, sem pressões inflacionárias ou estrangulamentos externos.

Uma parte importante das restrições ao nosso crescimento – seja no terreno das contas externas, da inflação ou de um gigantesco mercado de massas historicamente desperdiçado – mudou de sinal em nosso governo. Hoje essas dinâmicas trabalham a favor da produção e do desenvolvimento.

A inflação brasileira está controlada. A taxa deste ano será inferior à metade da observada em 2002. Os juros desenham uma curva declinante e consistente. Isso, depois, o Presidente do Banco Central pode falar com vocês.

O risco-país é dez vezes inferior ao que herdamos e as nossas reservas



equivalem a quatro vezes o valor disponível daquilo que também herdamos. Em março, o fluxo do comércio exterior do Brasil atingiu o valor nunca antes alcançado de US\$ 200 bilhões e 691 milhões de dólares no acumulado dos últimos 12 meses. As vendas de manufaturados cresceram 13,5% no período e já respondem por mais de 54% do valor embarcado. O saldo comercial passa de US\$ de 45 bilhões de dólares em 12 meses.

Nos últimos três anos, o Brasil praticamente dobrou suas exportações, crescendo muito além da expansão mundial de 60% no período. Investir hoje no Brasil e na integração sul-americana, portanto, representa uma oportunidade imperdível de associação com um patrimônio de estabilidade duramente conquistado e com uma energia de crescimento legitimada e negociada com muita transparência e equilíbrio. Trata-se, ademais, de uma oportunidade estratégia de sintonia com o futuro.

Sabemos que o custo da energia e das matérias-primas continuará a subir nos próximos anos. Há uma crise de oferta no mundo e a China dobrará o seu consumo até 2013. A América do Sul – e o Brasil dentro dela – forma a grande fronteira planetária de oferta de alimentos e perspectiva de auto-suficiência energética em combustíveis renováveis. O Brasil já produz 16 bilhões de litros de álcool a preços extremamente competitivos no mercado internacional. Temos mais 81 novas usinas em construção e 51 delas ficam prontas até 2007.

Nas próximas semanas, dia 21 de abril, iremos comemorar a auto-suficiência do petróleo, depois de 52 anos o Brasil finalmente atingiu a sua auto-suficiência. E a Petrobras, que sempre foi deficitária na nossa Balança Comercial porque importava petróleo mais que exportava, terá, a partir deste ano, saldo comercial positivo de três bilhões de dólares.

O programa do biodiesel, recém implantado, vai extrair óleo de mamona, soja e palma, do caroço de algodão, da semente do girassol, para consolidar definitivamente nosso país como o maior fornecedor de energia renovável do



planeta no século XXI. Esse é o horizonte do futuro que estamos construindo no presente: um novo ciclo histórico de crescimento sustentado; uma nova fronteira regional de desenvolvimento; uma nova matriz energética auto-suficiente; e um continente decidido a fazer da democracia o apanágio do seu crescimento e da justiça social para todos.

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês que são investidores e que percorrem o mundo, muitas vezes comparando países, comparando modelos, sabem o sacrifício que nós fizemos nesses três anos no Brasil, o sacrifício que, juntos com outros presidentes, fizemos na América do Sul e na América Latina, para que nós pudéssemos, primeiro, passar para o nosso povo a certeza de que não existe mágica na economia de um país. Em todos os momentos históricos em que, ao invés de um Ministro da Economia ou da Fazenda, colocou-se um mágico, não deu certo. Houve um tempo em que no Brasil se dizia que o real valia mais que o dólar, houve um tempo em que na Argentina se dizia que o peso valia mais que um dólar. E quando a verdade veio à tona, o povo pobre – sempre ele – arca com os prejuízos porque não tem de onde retirar.

Nós tomamos uma decisão. Vocês estão lembrados do que eu disse, no dia da minha posse, que todo e qualquer presidente da República, em qualquer país do mundo, tem o direito de errar, porque é normal errar, e até porque muitos, depois de governarem, nem ficam morando nos seus países, vão morar em outros países durante anos e anos. Eu, ao contrário, quando deixar a presidência, voltarei para São Bernardo do Campo, a 600 metros do Sindicato que me criou na política. Não pretendo ir morar em outro país, não adianta me oferecer emprego que eu não vou ouvir, vou ficar em São Bernardo do Campo.

É por isso que eu disse que nós não tínhamos o direito de errar. E para não errarmos, nós resolvemos não fazer mágica na economia, nós resolvemos aplicar uma política de seriedade. Primeiro, uma definição que a gente aprende dentro de casa, quando a gente vive com a mulher da gente e com os filhos, e



que a gente é sério, a gente sabe que não pode gastar mais do que a gente ganha. Você pode até fazer uma dívida que o teu salário pode pagar, mas você não pode se endividar a ponto de transformar a tua vida num verdadeiro inferno e nunca mais conseguir pagar o que você comprou.

A primeira lição é essa: a estabilidade, ela passa pela seriedade com que nós tratamos a economia interna. E, portanto, não fizemos nem um gesto de fraqueza ao tomarmos a decisão de que nós iríamos manter os compromissos internos e os compromissos internacionais, de que íamos mostrar à sociedade que iríamos ter um superávit capaz de garantir que iremos pagar aos nossos credores e, ao mesmo tempo, consolidar uma política forte de inclusão social. Possivelmente a mais importante já colocada em prática, num país da América Latina, e eu não sei se tem outra similaridade.

Nunca, neste país, se cuidou tanto dos pobres como temos cuidado. Moreno, criei até um prêmio para as prefeituras que tiverem boas políticas para o cumprimento das Metas do Milênio. Eu estou chamando esse prêmio do Oscar das Metas do Milênio. Ou seja, para que a gente canalize, na consciência dos prefeitos, a idéia de que eles precisam fazer o melhor porque, pelo que está colocado até agora, quando chegarmos em 2015, em muitos países a situação estará muito pior do que quando foi aprovada a intenção do cumprimento das Metas do Milênio.

E, ao mesmo tempo, resolvemos tomar algumas decisões importantes. Se vocês andarem pelo Brasil, vocês vão perceber que nunca os portos brasileiros foram tratados como estão sendo tratados. Estamos com reformas em 11 portos brasileiros, porque entendemos que é por ali que sai grande parte da economia brasileira.

Estamos investindo na reforma de quase todos os aeroportos brasileiros porque também sabemos que é por ali que sai grande parte da nossa riqueza, sobretudo aquela de maior valor agregado. Acabo de vir da cidade de Campinas, do Aeroporto de Viracopos, onde fomos anunciar, definitivamente,



com a publicação do edital, a decisão de transformar o Aeroporto de Viracopos num aeroporto industrial, de forte conteúdo tecnológico, para que a gente possa dinamizar as possibilidades de uma região tão rica como já é a região de Campinas.

E o que é importante é que durante 30 anos, mais de 30 mil pessoas viveram ameaçadas porque a extensão do aeroporto significava tirar praticamente 10 mil famílias que moravam lá há mais de 30 anos. Hoje, Furlan, eu fui dizer para eles que se for necessário nós iremos fazer o aeroporto redondo, para não tirar os pobres de onde eles estão porque tem outras terras. E nós fomos anunciar que o aeroporto vai ser feito, a pista vai ser feita e não vai precisar mexer com os pobres que precisam, primeiro, de sossego, segundo, de oportunidade para deixarem de ser tão pobres como foram até hoje.

E, por isso, estamos apostando num desafio que eu penso que vai mexer com um pouco de vocês: o desafio de construir uma forte política alternativa de combustíveis renováveis no mundo de hoje. E uma política que não é para o Brasil. Uma política que é para o Brasil, para a América Latina, para os países africanos. E eu digo, todo santo dia: daqui a pouco a gente não vai mais utilizar a palavra prospectar petróleo, nós vamos utilizar a palavra plantar petróleo. Nós estamos numa forte política de produção de biodiesel. Ela tenderá a crescer cada vez mais. E quero dizer a vocês que quem não quiser fazer parceria para produzir biodiesel, em qualquer país da América Latina, o Brasil tem tecnologia e está disposto a partilhar essa tecnologia com vocês, para que a gente possa não ficar refém do preço do petróleo que, em pouco tempo, saltou de 24 dólares o barril para 60 dólares, o que torna mais difícil, cada dia mais, a vida dos países mais pobres.

Bem, vocês já conhecem a história da produção do etanol no Brasil. E nós queremos partilhar a nossa experiência da produção de etanol com outros países, países da América Central, que têm tarifa zero para exportar o etanol



para os Estados Unidos, e outros produtos que os empresários poderiam fazer parcerias com empresários brasileiros e desenvolvermos o Continente como um todo. O biodiesel é a mesma coisa, não é um projeto que nós queremos para o Brasil. Nós queremos para a Colômbia, Moreno, nós queremos para a Venezuela, nós queremos para a Guatemala, nós queremos para Honduras, nós queremos para a Costa Rica, nós queremos para o México, nos queremos para os países africanos. Porque aí, sim, o mundo desenvolvido estará dando uma contribuição efetiva para desenvolver os países pobres, ajudando que eles possam produzir energia – e os países ricos precisam – para dar cumprimento ao protocolo de Kioto, que foi aprovado com tanta ênfase e executado com tão pouca ênfase. Nós achamos que é exatamente essa busca de oportunidades de nova matriz energética que pode dar aos países da América Latina e aos países da África a oportunidade de, no século XXI, chegarem próximo daquilo que são os nossos irmãos ricos da Europa e dos Estados Unidos.

E digo isso porque para chegar onde nós chegamos, não pensem que é fácil. Em política é muito mais fácil a gente fazer a política do curto prazo, pensando apenas nas próximas eleições, do que você fazer a política de médio e longo prazo, pensando nas próximas gerações. E pensar nas próximas gerações é o desafio que está colocado para todos os presidentes da América Latina, da África e do mundo. E para isso nós temos brigas homéricas para fazer.

O Furlan estava comigo, esta semana, numa reunião com empresários italianos, a maior delegação de empresários italianos que visitaram o Brasil, preocupados com a China, e todos os países que eu converso estão preocupados com a China, todos. Só que são empresas multinacionais desses países que estão produzindo na China. Ou seja, no fundo, no fundo, não estamos com medo da China, estamos com medo dos nossos próprios empresários que estão levando as suas empresas para produzir mais barato para a China.



Quando os chineses visitaram o Brasil, o Furlan sabe qual a estranheza quando eu tomei a decisão de reconhecer a China como economia de mercado. E fiz isso, Gerdau, porque entendia que fazer a China entrar no âmbito da OMC é a grande oportunidade que nós temos de colocar a China na mesa para discutir junto conosco os problemas que nós queremos resolver, muitos deles advindos da grande capacidade produtiva da China. Então, ao invés de ficarmos com medo, nós temos que encarar a pura realidade: China e Índia estão colocando 2 bilhões e 300 milhões de seres humanos, que até uma dezena de anos atrás estavam marginalizados no mercado de consumo.

A América Latina, e a experiência tem demonstrado nesses últimos anos, todos os países têm colocado mais gente no mercado de consumo. Os nossos empresários sabem o que significa o crescimento do crédito à pessoa física neste país. Os nossos empresários sabem o que significa a política de crédito consignado que nós fizemos para os trabalhadores e para os aposentados brasileiros. Foram mais de 14 bilhões de dólares jogados no mercado de consumo em menos de 24 meses, com o financiamento para que as pessoas mais pobres possam virar consumidores dos produtos que as nossas indústrias produzem e dos produtos que a nossa agricultura produz.

Todo mundo sabe que a iniciativa privada pode ser parceira definitiva e muito importante para o Estado. Por isso criamos aqui no Brasil e aprovamos no Congresso Nacional o projeto que define as políticas de PPP, Parceria Público-Privada. Criamos, inclusive, o Fundo Garantidor, para que ninguém saia perdendo no investimento. E esperamos que, para os próximos anos, governo e empresários tomem a iniciativa de consolidar, sobretudo, os investimentos na área de grande infra-estrutura, que possa não apenas desenvolver individualmente os países, mas fazer a integração definitiva do nosso Continente.

Falo isso porque o meu querido país, que agora já tem até um astronauta que está a 350 quilômetros de altura, que vai atingir a auto-



suficiência do petróleo dia 21 de abril, falo isso porque o país fez um sacrifício enorme, um sacrifício premeditado, um sacrifício assumido. Não pensem que foi fácil chegar onde chegamos. Não pensem que foi fácil resistir aos gritos dos meus companheiros sindicalistas na rua, querendo mais aumento de salário. Não pensem que foi fácil chegar onde nós chegamos ouvindo os gritos dos empresários, que antes queriam um câmbio flutuante e agora reclamam que o câmbio flutua.

Não pensem que foi fácil chegar onde nós chegamos mandando, no primeiro ano de governo, uma proposta de política, uma proposta de projeto de lei fazendo a reforma tributária e fazendo a reforma previdenciária. A parte da reforma tributária do governo federal foi aprovada, a parte da reforma tributária pertinente aos estados brasileiros, que reduzia de 20 alíquotas para cinco a cobrança do ICMS, não foi aprovada. Porque, neste país, fala-se muito e faz-se pouco. Neste país acha-se muito e concretiza-se pouco. E sabe o Gerdau o quanto sofremos com essas duas propostas que mandamos para o Congresso Nacional.

Entretanto, hoje eu posso olhar na cara de cada empresário brasileiro, na cara de cada empresário estrangeiro ou empresária que está aqui, e dizer: não há nenhum momento na história econômica do Brasil – nenhum – em que a gente tenha uma combinação de tantos pontos convergentes como nós temos hoje, na economia brasileira.

O Brasil já cresceu mais, o Brasil já cresceu a 10% ao ano. O resultado de tudo isso, meu caro, é que quando a gente ia aferir, o povo estava mais pobre. E nós, hoje, Moreno, até pagamos o FMI. Eu passei 20 anos da minha vida levantando bandeira “Fora o FMI”, vocês devem ter visto fotografia, e não precisei dar um grito. Aliás, transformei-me em amigo dos presidentes do FMI. O Rato virou meu amigo, o ex-presidente virou meu amigo.

Ou seja, nós simplesmente estamos com a economia tão sólida que resolvemos dizer ao nosso amigo Rato: vamos devolver os seus 15 bilhões de



dólares, porque a economia brasileira não precisa mais de socorro, a cada ano, para fechar as suas contas. Fechamos as contas como resultado do nosso trabalho, fechamos como resultado da nossa exportação.

E se vocês olharem o mapa das minhas viagens, vocês vão perceber uma coisa fantástica: o crescimento das exportações brasileiras acompanha cada viagem que nós fazemos. Podem pegar todos os países que eu visitei, vejam o que a gente exportava antes e vejam o que aconteceu depois. Porque aqui, no Brasil, também nós tínhamos o hábito de ficar chorando: “Ah, nós exportamos pouco, nós não exportamos muito, não sei das quantas”. Acontece que para exportar, nós temos que viajar, nós temos que mostrar os nossos produtos, nós temos que mostrar a nossa qualidade. Nós não podemos ficar esperando que o comprador venha ao Brasil comprar, porque nós temos mania de nos acharmos o melhor, nós temos mania de achar que as pessoas têm obrigação de comprar de nós, nós temos mania de achar que os Estados Unidos têm a responsabilidade de comprar tudo o que nós produzimos, e a Europa.

E nós nos esquecemos que a América do Sul estava aqui e que poderia comprar muita coisa nossa. Nós nos esquecemos. A nossa balança comercial com o México, hoje nós temos um superávit de quase 3 bilhões com o México. Por quê? Porque nós acreditamos em nós, acreditamos na relação com a África, com o Oriente Médio, com a China, com a Índia, com a África do Sul, sem esquecer a importância dos Estados Unidos e sem esquecer a importância da União Européia.

É este país que está em andamento. É este país que eu quero que vocês conheçam. É este país que não aceitou a lógica do jogo fácil, que aceitou a lógica de que o legado de um presidente da República, de um governo, não é o que ele fez em quatro anos apenas, é a qualidade das coisas que foram feitas durante o seu mandato e que permite a concretização de algo muito mais sério.



Quero dizer que vocês estão convidados, primeiro a conhecer os nossos programas para a América do Sul. Quero que vocês conheçam os programas que nós temos no Brasil. Uma coisa é importante, o Gerdau sabe disso: no ano que vem, Gerdau, nós estaremos concluindo, a nível de linha de transmissões, neste país, 22% de tudo o que foi feito em 122 anos. Nós estamos fazendo em 5 anos.

Hoje eu posso olhar para a cara de qualquer empresário e dizer: venha investir no Brasil que não haverá mais apagão. Venha investir no Brasil, que não haverá mais falta de energia elétrica. Porque, quando teve o apagão em 2002, nós tínhamos excesso de energia no Rio Grande do Sul, só que nós não tínhamos como transportá-la para o estado de São Paulo.

Então, nós cuidamos de dar ao Brasil, do ponto de vista da infraestrutura, e ainda falta muito, falta muito porque durante muito tempo nós abandonamos a infraestrutura. O Estado nunca mais terá a possibilidade de investir o tanto que já se investiu em infraestrutura mas, ao mesmo tempo, o Estado está mais democrático, o Estado está mais aberto, o Estado está mais parceiro para dizer para os empresários: o Estado brasileiro nunca mais voltará a ser o Estado estatizante que já foi, mas o Estado brasileiro também nunca mais voltará a acreditar que o Estado não tem nenhum significado.

O Estado brasileiro está dizendo a todos vocês: venham partilhar com o Brasil as oportunidades que nós estamos oferecendo. Venham discutir conosco os investimentos de infraestrutura, venham discutir conosco as possibilidades das energias renováveis, venham discutir conosco a possibilidade das parcerias entre empresas e venham discutir conosco o desenvolvimento do nosso país e da América do Sul.

Esse desafio é um desafio que cala muito fundo na minha consciência e, certamente, na consciência dos empresários brasileiros. Nós jogamos muitas oportunidades fora. Creiam, senhores e senhoras, que durante o século XX nós jogamos muita oportunidade fora. Houve vários momentos em que parecia que



este país iria desabrochar definitivamente e, anos depois, a gente caía no sofrimento da negatividade.

E eu quero dizer a vocês que nós não temos o direito, em hipótese alguma, de frustrar a expectativa que este país tem para o seu crescimento. Outro dia eu disse: eu não quero que o Brasil cresça 10% num ano e zero no outro, eu quero que a gente tenha uma estabilidade, que a gente cresça 4% ao ano, ou 5%, durante muitos anos, durante 15 anos, durante 20 anos, para que o Brasil definitivamente se consolide enquanto economia de primeiro mundo. Se o século XIX foi tão aproveitado pela Europa, se o século XX foi tão aproveitado pelos Estados Unidos, Furlan, por que nós não podemos acreditar que o século XXI será o nosso século?

Eu tenho dito para todos os presidentes da América do Sul, da América Latina e da África: nós precisamos parar de ter medo, nós precisamos parar de ficar preocupado com o novo. É só olhar o que aconteceu conosco no século XX para a gente perceber que nós temos que fazer coisas diferentes no século XXI, parcerias diferentes entre empresários, entre governos, entres estados. É este o desafio que nós estamos colocando para vocês: é o desafio de olhar o Brasil sem preconceito, é o desafio de olhar um país que em apenas dois anos tirou mais de três milhões de pessoas da linha abaixo da pobreza. É um país que, depois de conhecer anos e anos, o crescimento da economia informal está, em apenas 36 meses, com a criação de 4 milhões de empregos novos formais e com a perspectiva de gerar muito mais este ano.

Os números da economia este ano estão mais sólidos do que estavam no passado. E nós temos consciência de que vamos fazer isto com a inflação baixa e de que não vamos tornar a nossa moeda mais frágil por decreto. Tem gente que só falta pedir para mim: “oh, Presidente, faça um decreto aumentando o dólar”. Nós não vamos fazer. Nós achamos que a receita está pronta, Meirelles sabe qual é ela, Furlan sabe qual é ela e vocês sabem qual é ela. Nós não temos que fazer mágicas, nós temos que aumentar as nossas



importações, sobretudo importar bens de capital para que a nossa indústria tenha uma renovação tecnológica condizente com os nossos desejos de crescimento. Ao mesmo tempo, nós temos que reduzir a taxa de juros, que tanto o Furlan quanto o Gerdau reivindicam e que nós estamos fortemente fazendo. Mas vamos fazer isto sem permitir que a inflação volte, porque eu vivi neste país com a inflação de 15% ao ano, eu vivi neste país com inflação de 40% ao ano, eu vivi neste país com inflação de 80%. E eu sei que quando tem inflação, quem perdia não era eu, que tinha uma conta bancária e meu dinheiro estava numa conta remunerada e que a inflação para mim nunca era de 40%. Quem perdia era a parte mais pobre da população, que nem conta bancária tinha. E nós não vamos permitir que volte a inflação e não vamos abrir mão da estabilidade. A estabilidade que eu quero para o país é a estabilidade que eu quero para a minha família. E se eu fui capaz de constituir uma família estável, que já dura 32 anos, muito mais fácil será manter a estabilidade do país num mandato de apenas quatro anos.

Muito obrigado.